

# EXPERIMENTAÇÕES COM FOTOÁFRICAS – ENTRE GEOGRAFIAS E ENCONTROS

Raphaela Desiderio<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

[raphadesiderio@gmail.com](mailto:raphadesiderio@gmail.com)

## Resumo

Desorganizar uma ordem, deslocar a fotografia de seu lugar de evidência, desmontar um arranjo para compor Áfricas. Trata-se de um exercício de pensamento com imagens didáticas da África para com, e a partir delas criar composições inventivas. Apresentarei nesse texto, fragmentos de uma pesquisa em que dialogo com as imagens na interface entre a educação geográfica e o campo dos Estudos Pós-coloniais e Africanos, na tentativa de deslocar as imagens didáticas da África de seu regime visual de representação, de evidência, de prova visual, a partir da problematização das noções de alteridade e estereotipia como elementos estruturadores do discurso colonial. Buscando estabelecer uma mobilização do pensamento com e pelas imagens do continente africano, encontro-me com as experimentações, e através de exercícios de pensamento levo a Geografia para passear, brincar com as imagens no encontro com a literatura africana e a arte, através de colagens e de uma geografia sensível. Uma coleção de Áfricas, a constatação da dificuldade de sair do contorno, do já dado pelas imagens dos livros didáticos, e deslocá-las para com elas inventar.

Palavras-chave: Experimentações. Imagens. África. Educação Geográfica.

## Uma escrita do visível – as fotografias didáticas do continente africano

O escritor congolês Achille Mbembe na introdução de sua obra *Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a África descolonizada* refere-se à África, na atualidade, como um “lugar de passagem”. Para ele “África deixou de ser um espaço limitado, “[...] o continente continua a ser um lugar porque, para muitos, ainda é um local de passagem ou de trânsito frequente” (MBEMBE, 2014, p.24). Em uma leitura atual do continente, o autor nos chama a atenção para a “cultura de itinerância” afirmando que África encontra-se majoritariamente “[...] povoada por potenciais transeuntes” que diante de muitas formas de violação como, pilhagem, corrupção, pirataria, busca se reinventar e criar raízes noutro lugar. Para alguns o continente sempre foi um “lugar de passagem”, de passagem e exploração da natureza e sua gente. Esses traçaram num pedaço de papel o destino do lugar em que nossa espécie se originou, e de lá migrou para outras partes

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora colaboradora de Geografia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora da Rede Internacional “Imagens, Geografias e Educação” por meio do grupo “Geografias de Experiência” (Pólo Sul/SC).

do mundo – África: um lugar de passagem. O movimento faz parte da vida, de vidas que pulsam em territórios distintos, de corpos que atravessam fronteiras, que caminham de pés descalços ou se lançam a própria sorte dentro de um barco, de um bote, em fuga, em busca ou simplesmente porque mover-se é a própria vida.

Ao folhear as páginas dos livros didáticos de Geografia, percebo, ao contrário do que afirma Mbembe (2014), uma geografia da fixidez. A África desse material é o território da alteridade no mundo, da fragmentação entre brancos e negros representada geograficamente pelo norte e pelo sul do deserto – a África do Norte e a África Subsaariana. A Geografia inventada pelo discurso da modernidade. Uma geografia que não é capaz de nos arrastar a lugar algum, a um pensamento outro, que não o da mesma África. É uma só África, a mesma África. O continente esquartejado pelos europeus no século XIX, aí tem início a geografia/história da África nos livros didático. Em poucas páginas, um continente colonizado, esquadrihado pela cartografia dos mapas oficiais passa a um espaço “descolonizado”, um continente que parece carregar toda pobreza do mundo, já que os autores, o utilizam de forma recorrente para ilustrar o “atraso”, os baixos índices de desenvolvimento, os altos índices de pobreza e doenças que parecem fazer parte apenas do cotidiano dos africanos. Nesse mesmo território, o lugar dos negros no mundo, os grandes mamíferos passeiam pelas savanas, mas no livro didático, nem os grandes mamíferos parecem viver livremente, já que aparecem em fotografias cujas legendas os aprisionam em parques ou reservas nacionais.

A sequência de estudos da Geografia do mundo nos livros didáticos privilegia a Europa em detrimento da Ásia, do Oriente Médio e da África, que só aparece antes das regiões polares. Observo o sumário dos livros, e recordo-me de um ensaio de Chinua Achebe (2012), intitulado *O nome difamado da África*. Neste, Achebe, através de dois conceitos geográficos, nos faz refletir sobre os enunciados inventados para representar dois espaços continentais através de uma lógica binária: potência econômica *versus* continente fragilizado; países mais industrializados *versus* economia dependente, indicando não apenas o tempo dos acontecimentos (História), mas também o seu lugar no espaço (Geografia). Longitudinalmente, Londres (a poderosa metrópole imperial) e Acra (capital de Gana) “[...] acampamento rústico e rebelde da insurreição colonial [...]” (ACHEBE, 2012, p. 82), apesar das desigualdades, situam-se no mesmo meridiano, o de Greenwich, e por isso, as duas cidades compartilham a mesma hora do dia. Já latitudinalmente, as duas cidades têm experiências bem distintas, fato que segundo o autor, durante eras, poderia ter feito com que a cor da pele dos habitantes entre um local e outro fosse completamente diferente. Assim, para Achebe (2012, p. 83)

as diferenças existem, se é isso que se está procurando. Mas de forma alguma essas diferenças poderiam explicar satisfatoriamente a profunda imagem do ‘diferente’, do ‘estrangeiro’ que a África tem representado para Europa.

O discurso colonial, que opera por estereótipos e pela invenção da alteridade, está presente com força na educação geográfica através dos livros didáticos, e não só deles. A espacialidade da questão racial nas imagens didáticas redonda na demarcação de um espaço/tempo reforçado pela alteridade do africano em relação ao europeu, mas também em relação ao próprio africano, já que há duas Áfricas: a do norte, dos brancos islâmicos, cujo mar Mediterrâneo os torna mais próximos dos europeus. Aí nessa porção do continente está o Egito, e o rio Nilo que, que através das fotografias presentes nos livros, parece ser o único rio africano, além do grande responsável pela prosperidade econômica, social e cultural dessa porção do espaço que “nem parece ser África”. Operando pela lógica binária, a África Subsaariana é o contraste: nessa coleção

de países parecem viver todas as pessoas negras do mundo, e já que são negras, são pobres, apresentam os mais baixos índices de desenvolvimento do planeta, vivem da agricultura “tradicional”, mas sofrem com a falta de alimentos, subnutrição e fome, situação que, segundo os autores dos livros didáticos<sup>2</sup>, é agravada pelas secas na região do Sahel e pelas guerras civis que destroem plantações e dificultam a entrega de alimentos pela ajuda humanitária.

Figura 1 – Composição de fotografias didáticas



Fonte: ADAS, M.; ADAS, S. *Expedições Geográficas*. Componente Curricular Geografia. 9º ano. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015, e ALABI, E. L.; BRANCO, A. L. *Geografia: Homem & Espaço 9º ano: Ensino Fundamental*. 25. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. Colagem elaborada pela autora.

Ao percorrer as páginas dos livros didáticos de Geografia percebo que as imagens paralisam nosso pensamento, e não são capazes de nos arrancar de um modo de ver África que persiste na expressão do espaço enquanto superfície, e não como uma possibilidade de trajetórias e estórias distintas (MASSEY, 2008). As imagens-texto, as imagens-mapa e as imagens-fotografia compõem uma coleção de ilustrações de conteúdos em que as paisagens e as pessoas, quando aparecem, nos fazem ver um continente repleto de estereótipos e invenções. Nesse sentido, problematizo a questão racial pelo viés das imagens didáticas em diálogo com o campo dos estudos Pós-Coloniais e Africanos. Esses foram capazes de me oferecer pistas para deslocar as imagens desse lugar de evidência, de algo que querem nos fazer ver essas imagens, aprisionando o pensamento. É consenso entre autores desses campos que há uma série

<sup>2</sup> Os livros utilizados na pesquisa foram: ADAS, M.; ADAS, S. *Expedições Geográficas*. Componente Curricular Geografia. 9º ano. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015, e ALABI, E. L.; BRANCO, A. L. *Geografia: Homem & Espaço 9º ano: Ensino Fundamental*. 25. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

de invenções, “efabulações” (MBEMBE, 2014a) e estereótipias nas formações discursivas a respeito do continente africano. Nesse sentido, não há como pensar a colonização descolada da questão racial no que se denominou chamar de formação do “sistema mundo moderno-colonial” (MIGNOLO, 2005), ou da noção de “inconsciente colonial-capitalístico” (ROLNIK, 2016).

Por isso para Mignolo (2005) é necessário considerar o contexto da formação de uma geocultura do sistema mundo moderno/colonial, assim como, compreender que a colonialidade do poder é invisível. É invisível porque a história do capitalismo é eurocentrada, contada tanto de dentro (Europa) como de dentro para fora (da Europa para as colônias). Já a noção de “inconsciente colonial-capitalístico” (ROLNIK, 2016) opera a partir da tensão que se dá entre a experiência do indivíduo e suas diversas formas de apreender sobre o mundo, e uma que se faz em seu entorno – que a autora intitula como experiência “fora-do-sujeito” ou “extra-pessoal”, uma experiência das “[...] forças que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente” (ROLNIK, 2016, p. 10).

Trago essa noção como uma referência para esse trabalho, já que através dela, assim como, do sistema mundo moderno/colonial é possível problematizar a colonialidade considerando que o capitalismo surge nesse mesmo contexto, e que a raça é uma categoria básica para a compreensão dos binarismos/dualismos/oposições característicos do discurso colonial, igualmente presente na educação geográfica.

Mignolo ressalta que esse imaginário do mundo moderno/colonial é resultado de uma complexa articulação de forças, de memória fraturadas, de vozes, escutadas ou apagadas, de histórias contadas a partir de uma única versão, de memórias que suprimiram outras memórias, além das que se contaram “[...] levando-se em conta a duplicidade da consciência que a consciência colonial gera” (MIGNOLO, 2005, p. 38). Procuro pensar a África a partir dessa perspectiva, problematizando toda a série de estereótipos e invenções que perfazem a construção da alteridade tanto do ponto de vista do sujeito quanto do ponto de vista do espaço que esse sujeito ocupa no discurso colonial.

Olhar para as imagens didáticas pelo viés da crítica pós-colonial, folhear as páginas do livro didático imersa por essas leituras é intenso e dolorido. A força e a violência do processo de fabulação em torno do continente africano e sua gente, continuam, considerando os diferentes contextos, atuando na esfera da vida, segregando pessoas em determinados espaços, colocando-as em constante estado de alerta diante de um regime visual e de verdades que não cessa de agir sobre a vida daqueles que foram subjugados pela “razão” de outros. Mas é preciso considerar que ao mesmo tempo em que essa “razão” deixa a mostra às feridas internas da escravidão e da colonização e a violências desses processos, não exclui a cumplicidade e a fascinação de muitos africanos diante de tal fábula.

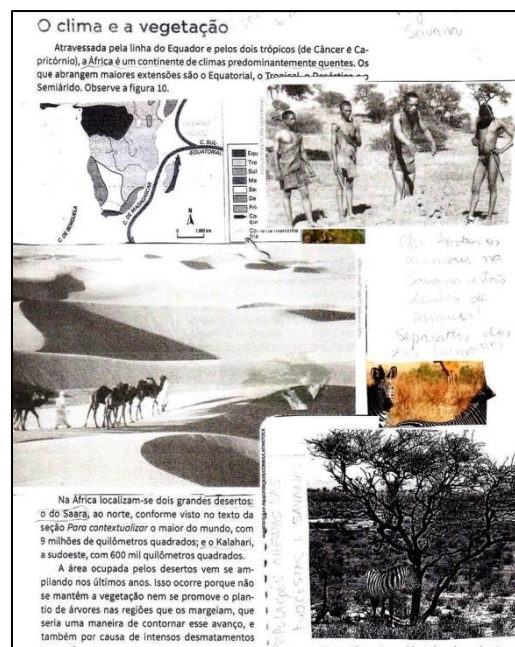
### **Experimentações em composição – exercícios de pensamento com e pelas imagens da África**

Buscando estabelecer uma mobilização do pensamento com e pelas imagens da África, encontro-me com as experimentações. Pensar, na filosofia de Deleuze e Guattari (2010) é experimentar, pensar como criação e não como vontade de verdade. Através de exercícios de pensamento com as imagens levei a Geografia passear, brincar com as imagens no encontro com a arte e a literatura africana.

A colagem aparece como essa possibilidade de brincar, de pensar com e pelas imagens, de atuar na esfera da sensibilidade e da vida que pulsa no movimento da criação. Aqui foi preciso esgarçar, desarranjar, recortar, deslocar, arrancar as imagens didáticas desse regime visual a que estamos submetidos nos livros didáticos, e com elas, experimentar (Figuras 1 e 2). Uma série de experimentações, uma coleção de Áfricas, a constatação da dificuldade de sair do contorno, de desmanchar um modo de ver foram questões mobilizadas nesse trabalho. Experimentações que desejam deslocar a imagem de seu lugar de evidência para com elas criar possíveis Áfricas. Áfricas violentas e tristes, mas Áfricas de “gente de verdade”, de estórias e geografias incríveis.

Algumas paradas pela literatura africana e/ou por estórias da África faziam a violência e o estereótipo brincarem, jogar outros jogos que não aqueles tão marcados em nossos corpos. Brincar, pois já não se tratava mais de um espaço sem vida, sem cor, sem voz, achatado por um bloco homogêneo e estático de informações ilustradas. Estava ali, perambulando, vibrando junto à vida das pessoas, pulsando e deslocando o imaginário por outras paragens no trajeto para a África. Expressava o movimento, numa coleção de sentimentos que são da ordem da vida, e por isso não são privilégios de nenhum continente, pois pertencem a um mundo que não cessa de produzir sentidos e afetos, que independe de sua localização geográfica, mas não está fora dela. Uma geografia intensa e sensível que carrega as subjetividades do sujeito, suas experiências individuais e do entorno. Levei meu pensamento para brincar com essas forças sensíveis que me afetaram ao longo do trajeto de uma pesquisa. Recortei, colei, desorganizei, e compus novos arranjos acionados por um desejo de desmanchar uma África para criar Áfricas (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Da série: experimentações



Fonte: Elaborado pela autora (2017).



Esse processo de encontros foi capaz de produzir em mim uma série de experiências com a África, me deslocaram do espaço como superfície para um espaço afetivo. Ao pensar em forças para desequilibrar minhas relações com o mundo imagético, deixei que os encontros me arrastassem para Áfricas outras, percorri com alguns personagens da literatura africana as imagens-fotografia como o próprio espaço da experiência. Não se tratava apenas de um exercício de recortar, colar, suprimir e deslocar imagens, mas de experimentar afetos capazes de atuar em diferentes dimensões da subjetividade.

Mas é preciso dizer que não se trata de prescrever aqui uma maneira de inventar Áfricas. Não se trata de afirmar que através da literatura é possível criar Áfricas. A invenção é da ordem da sensibilidade subjetiva dos encontros. As imagens dos livros didáticos não podem e não querem promover esses encontros, já que atuam pelo clichê. E o clichê age justamente na percepção, serve para classificar e adjetivar pessoas e lugares, serve a reprodução de discursos dominantes, age como uma barreira de contenção para a sensibilidade, acalma essa força, esse afeto com Áfricas. A África do livro didático é uma África da contenção, da reserva não só de grandes mamíferos em parques espalhados pelos países, mas é uma reserva de clichês.

Figura 2 – Da série: experimentações



Fonte: Elaborado pela autora.

O modelo da cultura vigente, massificada, apresenta certa obsessão pela imagem capaz de tornar-se a própria coisa que se quer mostrar, vender. Nessa dinâmica, somos quase asfixiados por um certo modo de ver. Aprendemos a ver a África tal como ela é

mostrada pelas fotografias didáticas, uma África aprisionada pelos clichês da atual moldura cultural, uma moldura antiga e desgastada que perdura desde a formação do mundo moderno/colonial. A África escapa da fotografia, “[...] ilude essa identidade que outros lhe conferiram, driblando os mitos redutores e folclóricos que tendem a servi-lhe de moldura” (COUTO, 2005, p. 75). A imagem do continente escapa em mil fragmentos quando as acionamos fora desse regime didático. Escapa quando as deslocamos desse lugar que ocupa, quando experimentamos com elas, quando as mobilizamos para encontrar outras passagens e paragens que não a do desejo de didatizar os espaços em imagens e de pedagogizar modos de ver.

Os exercícios de pensamento com as imagens na educação geográfica mostraram que para propor possibilidades de deslocar a África desse regime visual, é preciso atuar na subjetividade, na sensibilidade que se dá pelo encontro com as estórias e trajetórias espaciais do continente africano, um continente em movimento. Trata-se de atuar na dimensão da vida que se dá pela experiência, pela experiência como pensamento, não como desejo de nos fazer ver uma África, mas permitir-se afetar, contagiar por outros modos de ver, inventar um modo de criar outros arranjos para o pensamento com e pelas imagens.

Se quisermos mobilizar algo em nós, precisamos experimentar as forças da vida. Se quisermos, na educação geográfica, “sair do Ocidente”, sair dessa África homogênea, fixa, pobre, doente, fragilizada, atrasada, lugar reservado aos negros no mundo, presente nas páginas dos livros didáticos, precisamos atuar menos na dimensão do clichê e mais na dimensão sensível da vida. Arrastar a África para fora da gente, desmanchar África em nós, esgarçar a imagem, esburacar evidências, escapar do regime imagético do já dado, rasurar a imagem, encontrar linhas de fuga para compor Áfricas. Deslocar, mobilizar, desestabilizar as invenções, as estereotípias, rasgar o contorno, e experimentar.

## Referências Bibliográficas

ACHEBE, C. A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico: ensaios. Trad. de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COUTO, M. Pensatempos. Textos de opinião. 3. ed. Portugal: Editorial Caminho, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção TRANS).

MASSEY, D. Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade. Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MBEMBE, A. Crítica da Razão Negra. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MIGNOLO, W. D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

ROLNIK, S. A hora da micropolítica. São Paulo: n-1 Edições, 2016. (Caixa Pandemia – Série de Cordéis).

WUNDER, A. Uma educação visual por entre literatura, fotografia e filosofia. In: Políticas educativas, v. 3, n. 1, p. 65-78, 2009.